UNS AOS OUTROS

O crescimento da Igreja
através da mutualidade

SILAS MOLOCHENCO

SABER CRIATIVO

Sumário

"... uns aos outros" 9

"amem uns aos outros"
(Jo 13.34, 35) 19

"não julguem uns aos outros"
(Rm 14.1–13) 31

"edifiquem uns aos outros"
(Rm 14.19; 15.2; 1Ts 5.11) 47

"suportem uns aos outros"
(Ef. 4.2; Cl 3.13; Ro 14 e 15) 65

"perdoem uns aos outros"
(Ef 4.32; Cl 3.23) 77

"sujeitem-se uns aos outros"
(Ef. 5.21; Cl 3.18–4.1) 87

"não busquem vanglórias" 99

"não mintam uns aos outros"
(Cl 3.9.10) 117

"ensinem e instruam aos outros"
(Cl 3.16) 131

"EXORTEM UNS AOS OUTROS"
(1Ts 4.18; 5.11; Hb 3.12, 13) 141

"CONFESSEM OS SEUS PECADOS UNS AOS OUTROS"
(Tg 5.16) 159

PALAVRA FINAL 175
BIBLIOGRAFIA 177

Talvez você possa pensar sobre o propósito desses estudos usando os textos em que a Bíblia fala sobre a mutualidade.

Vivemos, quer queiramos ou não, norteados pela pós-modernidade, que tem uma filosofia de desconexão entre as pessoas. O narcisismo grassa de forma forte, cada um só pensa em si e se considera o "centro do mundo". Para isso, basta ver as últimas igrejas fundadas no Brasil. Não há nenhum contato entre o participante do dito culto com o pastor. Cada participante está ensimesmado. As igrejas se tornaram igrejas de palco. Não há conexão entre o púlpito e a igreja. Nessas igrejas, cada um está por sua própria conta.

Esse estudo vai na contramão da filosofia pós-moderna e visa edificar a igreja como corpo de Cristo. Há um conceito na psicanálise de que uma pessoa pode sentir-se como um corpo despedaçado. Isso acontece quando a libidinização do *infans* não é realizada. Quando

isso ocorre, a criança não consegue ter uma percepção de seu corpo, e sua visão de corpo é um corpo despedaçado. Quando olho para a igreja, hoje, vejo uma igreja despedaçada, com a falta da *libidinização* da Palavra de Deus para que nos percebamos como um só corpo e Cristo sendo a cabeça.

A expressão "...uns aos outros" aparece, no Novo Testamento, várias vezes. O nosso critério de desenvolvimento do texto seguirá a ordem em que ela surge no Novo Testamento.

"... uns aos outros", pretende mostrar que a solução para a crise de comunhão, e de tantos problemas psicológicos e de fundo nervoso, pode ser solucionada em Cristo Jesus se obedecermos aos seus mandados.

A mutualidade, quando exercida segundo as Escrituras, fará com que a Igreja caminhe unida, e nesta união revele seu Redentor para a comunidade onde ela está plantada.

Muito bonita é a poesia de Sarah Poulton Kalley, quando ela expressa claramente a necessidade e o resultado da mutualidade, da seguinte forma:

> Se tua igreja toda andar em santa União / então será bendito o nome de "cristão". / Assim o que pediste em nós se cumprirá, / e todo o mundo inteiro a ti conhecerá.

Que o Espírito de Cristo nos ilumine, e que vivamos conforme a vontade de Deus.

"... UNS AOS OUTROS"

Seguidas vezes a Palavra de Deus chama a nossa atenção, para vivermos uma vida cristã significativa aqui na terra. O apóstolo Paulo, para que assim vivamos, várias vezes usa a expressão "...**uns aos outros**", chamando-nos para uma vida cristã em comunidade, que é a única forma de vivermos o real cristianismo.

A **mutualidade** é uma das fortes evidências de comunhão. Ela constitui parte de suma importância, e não deve ser deixada de lado em uma igreja, pois ela é característica imprescindível.

Mesmo sem saber, creio que muitos de nós estejamos praticando a mutualidade. No entanto, ela não tem sido anunciada, e por isso pouco sabemos sobre o assunto. Por esta causa há necessidade de que todos os membros da igreja conheçam e pratiquem, de modo consciente, desenvolvido e aperfeiçoado, esta vida mútua. Sim, temos grande necessidade de desenvolvermos a vida mútua. Comparo-a com a vida

comum entre marido e mulher, sobre a qual Pedro aconselha os maridos (1Pe 3.7).

O propósito desta vida mútua

O propósito é ajudar um ao outro a viver, em todos os aspectos, a vida cristã. A vida mútua caracteriza o amor e a verdade do povo de Deus, além de evidenciar o verdadeiro discípulo, criando ambiente amoroso e propício para o desenvolvimento e exercício dos dons espirituais. Sem ela, dificilmente haverá uma manifestação clara e evidente do Espírito Santo.

Vemos, desta forma, a grande necessidade de desenvolver este tema na igreja de nossos dias, pois cada dia que passa diminui a preocupação mútua. O motivo principal deste afastamento é que a sociedade contemporânea vive de maneira tal que se fecha cada dia mais em si mesma. Leva o ser humano a uma vida isolada e ensimesmada, de preocupação só consigo mesmo. Enfim, o Ser fica isolado dentro de seu casulo e passa a remoer os seus próprios pensamentos, fechando-se em si mesmo. Por isso surgiram os neologismos como *solipsismo* ou *ensimesmado*. O indivíduo deixa de se comunicar no verdadeiro sentido da palavra e passa a remoer seus pensamentos. Surgem, deste modo, os sérios problemas de ordem física, emocional, mental e espiritual.

Outro motivo que leva ao fechamento em si mesmo são os meios de comunicação da atualidade. No século passado, o modo de isolar o ser humano era mediante a comunicação em massa, com mensagens altamente significativas que captavam a sua atenção total, e este cessava de se comunicar através de forma mais simples, deixando sua comunicação corriqueira. Começa, neste tempo, o desabamento do púlpito que tinha de concorrer com essa comunicação altamente significativa. Este processo trouxe um aumento da tensão entre a solidão e a massa. A comunicação em massa eliminava os tão importantes contatos pessoais.

Na atualidade, o que nos isola são os meios eletrônicos de se comunicar, tais como: tablets, celulares. Tenho visitado alguns lares no qual uma criança, com cerca de dois anos, toma as refeições diante de um tablet. Na verdade, ela tem um tablet. Cada um fica no seu aparelho, com o nariz colado nele, não tendo a mínima condição de olhar para qualquer outro lugar ou pessoa. No Estado de São Paulo transita uma lei que proíbe os alunos de usarem o celular durante todo o tempo em que a criança estiver na escola. O objetivo disso é o desenvolvimento da socialização.

Quando prego a mutualidade, meu objetivo é a volta dos contatos pessoais. Não só dos contatos, mas também a volta do inter-relacionamento e interação nestes contatos. Nele, a pessoa está envolvida em toda a sua plenitude. É um relacionamento semelhante ao do Filho de Deus com o Pai (Lc 10.27).

> A característica mais notável do ensinamento de Jesus é a sua proclamação da paternidade de Deus. É verdade que em poucos casos Deus já havia sido proclamado como Pai, no A.T. porém, em todos estes casos ele é considerado Pai de seu povo, e não do crente individual. Jesus proclamou a Deus como Pai numa maneira nova e mais pessoal. Nos Evangelhos existem cerca de 150 instâncias nas quais Jesus se refere a Deus com Pai.[1]

O Novo Testamento dá muita ênfase a este tipo de relacionamento; no contato pessoal e na ajuda mútua. Ele considera o contato pessoal mútuo como um dos fatores principais de crescimento, comunhão, louvor, exortação e admoestação. No centro da mutualidade encontramos raízes profundas de solução para os problemas pessoais, isto é, há um fundo terapêutico na Doutrina Mutualidade. Todos os resultados desse relacionamento serão benéficos se seguirmos os princípios bíblicos. Desta forma, tais relacionamentos serão sempre no Senhor e nunca no Maligno.

A comunhão e seus resultados

Como já ressaltamos, a mutualidade é essencial para uma igreja saudável. Ela agrega os membros em um só corpo

---

1 DOUGLAS, 2006, p.675.

e o corpo com Deus. A direção da igreja passa a ser do Espírito Santo e não segundo a vontade dos homens.

> O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam, a respeito do Verbo da vida (pois a vida foi manifestada, e nós a temos visto, e dela testificamos, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e a nós foi manifestada); sim o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos para que vós também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo. Estas coisas vos escrevemos para que o nosso gozo seja completo (1Jo 1. 1-4).

Somos unidos em um só corpo pelo batismo em Jesus Cristo. A partir deste acontecimento começamos a viver a nossa comunhão com Deus, com os irmãos em Cristo e com o próprio Cristo, que é o alicerce de toda a comunhão. Esse batismo em Cristo é base da comunhão, pois ele mesmo, Cristo, é a razão da nossa vida em comum. "É ele, com efeito, que é a nossa *paz*: do que era dividido, fez uma unidade. Em sua carne destruiu o muro de separação: o ódio". (Ef 2.14). Em Cristo todos somos iguais, executando diferentes funções, mas sempre fazendo parte de um só corpo, o qual deve ser bem ajustado para que haja crescimento em busca da edificação mútua. A mutualidade resultante da comunhão é parte integrante neste ajustamento necessário para o crescimento da igreja de Cristo.

O significado de comunhão

A comunhão tem a ver com aquela relação pessoal que os cristãos gozam com Deus e uns com os outros em virtude de sua união com Jesus Cristo. Ela designa o relacionamento social existente entre os cristãos que são membros da família de Deus, salvos mediante o lavar da regeneração e renovação pelo Espírito Santo, através do sacrifício de Cristo, que buscam uma cooperação mútua no trabalho do Senhor.

Como se expressa a comunhão

Todos os cristãos estão irmanados no profundo sentimento de gratidão a Deus pelas bênçãos espirituais, pelo consolo, conforto e pela direção dados a nós por nosso Pai. Quando este conceito estiver impregnado em nossas mentes, ele nos leva a compreender que tudo o que temos, sabemos e somos, é porque o Deus de toda a misericórdia nos tem concedido, e que Ele espera de nós a aplicação destes nossos dotes para benefício de sua igreja. Vida segundo o modelo que se há de expressar em um constante "Dar" para suprir as necessidades de nossos irmãos, e um constante "Receber" o que os outros podem nos suprir com os seus dons.

Este relacionamento entre os filhos de Deus se expressa através de:

- compartilhar dos bens materiais;
- cooperação no trabalho do Senhor;
- propagação do Evangelho de Cristo;
- manutenção da unidade, amor e serviço no corpo de Cristo;
- participação mútua no culto e no louvor, quando os cristãos se reúnem;
- serviço em benefício de uns para com os outros.

O sentido principal de comunhão é partilhar alguma coisa que possuo, não só em bens materiais, mas também ações de graças ao Senhor, louvá-lo e glorificá-lo, evidenciando nossa submissão a Cristo. Tal como Paulo escreveu:

> Pois o serviço desta coleta não deve somente satisfazer as necessidades dos santos, mas multiplicar em abundâncias ações de graças para com Deus. Apreciando este serviço segundo o seu valor, eles glorificarão a Deus pela obediência que professais ao Evangelho de Cristo e por vossa liberalidade na partilha de bens com eles e com todos (2Co 9.12,13).

Sob essa luz, entendemos Atos 2.42, no qual a comunhão descreve o laço íntimo de vivência e espiritualidade que ligava a ativa irmandade em Jerusalém. A comunhão era tal que se expressava espontaneamente em atos externos.

Aspectos espirituais da comunhão

A comunhão não é só a participação mútua em coisas materiais, ou ainda atos externos e visíveis à comunidade. O estreito entrosamento e irmandade entre os salvos por Jesus Cristo é marcada por uma participação conjunta em aspectos espirituais.

Participação no sacrifício propiciatório de Cristo (1Co 10.16). Todos somos salvos pelo mesmo sacrifício.

Participação no Filho de Deus.

O apóstolo Paulo escreve: "Sim, nós tínhamos recebido em nós mesmos a nossa sentença de morte. Assim, a nossa confiança não podia se fundar em nós mesmos, mas em Deus que ressuscita os mortos" (1Co 1.9). O crente participa de Cristo e com Cristo.

Esta comunhão com o Filho de Deus é significativa e profunda, e deve ser nas duas grandes verdades de sua existência. O cristão deve tomar parte, em primeira instância, como é descrito, no laço íntimo de vivência e espiritualidade da humilhação e sofrimento de seu mestre. Tal realidade foi vaticinada pelo próprio Cristo. Ele disse:

> Se o mundo vos odeia, sabei que primeiro do que a vós, ele me odiou primeiro. Se fosseis do mundo, o mundo amaria o que lhe pertence, mas vós não sois do mundo: fui em que vos separei do mundo, e eis porque o mundo vos

> odeia. Lembrai-vos das palavras que eu vos disse: O servo não é maior que seu senhor: se eles me perseguiram, perseguir-vos-ão também; se eles observaram a minha palavra, observarão também a vossa (Jo 15.18-20).

Esta participação nos sofrimentos e aflições de Cristo deve ser considerada pelos cristãos como um dom de Deus; como graça concedida a nós por amor de Cristo. O grande exemplo desta verdade foi a vida do apóstolo Paulo, que disse completar os sofrimentos do Cristo na sua própria carne, por amor à Igreja, isto é, por amor aos irmãos (Cl 1.24).

Em segunda instância, o cristão é participante na glória e vida de Cristo ressurreto. Por isso: "Antes, na medida em que partilhais dos sofrimentos de Cristo, alegrai-vos, a fim de que, por ocasião da revelação da sua glória, também vos enchais da alegria e exultação" (1Pe 4.13; Rm 6.5; 2Tm 2.12; 1Jo 3.1,2). Quando da volta de Cristo seremos semelhantes a ele (Cl 3.4).

O salvo por Cristo deve estar disposto a participar com ele nestes dois aspectos da vida. Esta participação deve ser íntima e total; de todo o seu Ser e deve se tornar expressiva. Nós temos:

- Participação no Espírito Santo (2Co 13.13);
- Participação em uma mesma fé (Fm 6).

A comunhão da fé deve tornar-se eficiente; deve operar. Ela inclui todos os membros do corpo em uma união espiritual

onde todos somos um e iguais, independente de raça, cor ou classe social. Mesmo as castas intransponíveis à força humana são quebradas nesta comunhão em uma mesma fé. Pela fé, Cristo derruba toda e qualquer barreira de separação. Mesmo os diferentes níveis espirituais, ou de estatura ou posição na sociedade, há lutas em defesa e benefício dos que são unidos por estes vínculos. Tanto nesta como naquela, há uma união instintiva que luta pela preservação e edificação. Por isso, a verdadeira comunhão só pode existir quando há verdadeira fé. Esta comunhão é participação no sacrifício propiciatório de Cristo, no próprio Filho de Deus, no Espírito Santo e na fé. Essa comunhão quebra todas as barreiras entre os irmãos.

Para a nossa infelicidade e tristeza, tal não tem acontecido na Igreja de Cristo durante sua história, e especialmente em nossas Igrejas nos dias de hoje. Por isso, cremos que Deus tem permitido que haja perseguições e lutas contra o Evangelho em toda a história do cristianismo, pois é evidente no estudo desta que a real comunhão tem se expressado com muito mais força e vigor debaixo de perseguições ou opressão.

"AMEM UNS AOS OUTROS" (Jo 13.34, 35)

Ao seguir a série de exposições sobre "Uns aos Outros", começo com a primeira vez dessa expressão. Ela vem da fala de Jesus aos discípulos na última semana: "Um novo mandamento vos dou: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, vós também amai-vos uns aos outros. Nisto todo reconhecerão que sois meus discípulos, no amor que tiverdes uns para com os outros".

O amor é o conceito central da teologia judaico-cristã e das teorias do cuidado pastoral. É notório que a palavra amor tem diversas conotações, mas o amor cristão se caracteriza pela natureza de Deus, como as normas éticas e como o ideal de um relacionamento pastoral.[2]

---

2 HUNTER, 1990. p. 666.